

VIDAS E(M) ESCAPE

Alda Regina Tognini Romaguera*
Antonio Carlos Rodrigues de Amorim**

Recebido em: 29 ago. 2011

Aprovado em: 10 set. 2011

* Doutora em Educação pela Unicamp, Campinas, SP, Brasil. Leciona e orienta professores em formação nas modalidades presencial e a distância. E-mail: aldaromaguera@hotmail.com

** Doutor em Educação e Livre Docente pela Unicamp. Professor Associado da Universidade Estadual de Campinas. Av. Bertrand Russell, 801. Cidade Universitária Zeferino Vaz. Cep. 13083-865 - Campinas, SP, Brasil. E-mail: acamorim@unicamp.br

Resumo: Este ensaio provoca pensamentos a buscar por ideias-vida que não se deixem aprisionar pelas estruturas de poder. Alia-se a conceitos da filosofia da diferença em Deleuze e alguns de seus leitores, para pensar formas de vida *outras*, que escapem às definições, aos mapeamentos, que não se regulem pelas normas, posto que se mostrem inéditas, indecifráveis... Propõe-se a conversar com a arte em obras do bioartista Eduardo Kac e a contrapor ao conceito de biopolítica, a potência “zoè” da vida, essa vida experimentada sem limitações. E problematiza: é possível pensar a bioarte e a manifestação estética da vida enquanto possibilidade de escape às políticas bio?

Palavras-chave: Vida. Bioarte. Biopolítica.

LIVES AND (IN) ESCAPE

Abstract: This essay provokes thoughts to seek life-ideas that do not allow themselves to be imprisoned by power structures. It allies to Deleuze's philosophy of difference concepts and some of his readers to think about other life forms, which escape from the definitions, the mappings, that are not governed by the rules, since that may be unique, unbreakable ... The paper intends to make a conversation with the art works of the bioartist Eduardo Kac and suggests as alternative to the concept of biopolitics, the “Zoe” life power, experienced life without limitations. And it problematizes: is it possible to think of bioart and the aesthetic manifestation of life as a possibility of escape from the politics bio?

Key words: Life. Bioart. Biopolitics.

VIDA(S)

Não tem um, tem dois
 Não tem dois, tem três
 Não tem lei, tem leis
 Não tem vez, tem vezes
 Não tem Deus, tem deuses
 Não há sol a sós

Aqui somos mestiços mulatos
 Cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
 Americarataís yorubárbaros

Somos o que somos
 Inclassificáveis¹

Vidas e(m) escape nos impulsiona a ensaiar pensamentos, ideias-vidas menos conectadas ao campo das representações, que não se deixem aprisionar pelas estruturas de poder. Coloca sob suspeita a estruturação que o pensamento lógico faz do humano e do mundo, e trabalha com a pulsão energética da arte, com a ideia de arte enquanto pulsão de criação e de força/potência em Nietzsche.

Pretende extrair da vida sua força de movimento com Deleuze, para quem os corpos se constituem em “afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais” (DELEUZE, 1997, p. 47). Trazer exemplos de criação de vida com a arte, que nos levem a ensaiar o escape às definições, aos mapeamentos. Pensar vidas que não se regulem pelas normas, posto que se mostram inéditas, indecifráveis... Vidas inclassificáveis. Pensar o transumano, exercitando uma perambulação para perceber “metamorfoses ambulantes”.

Assume com Agamben (2002), que a vida pode movimentar-se em manifestações biológicas, no sentido que lhe confere a palavra *bíos*: vida formalizada de um grupo ou de um indivíduo; como o animal-homem, ser exemplar da polis, que vive em relação com outros, que pratica linguagens e exercita a liberdade. *Bíos* entendido como “vida caracterizada”, a forma ou maneira de viver própria de um singular ou de um grupo, a vida de um indivíduo determinado ou um tipo de vida que toca os contornos, os traços característicos de uma vida específica, as linhas fronteiriças que distinguem um vivente de outro.

¹ Composição de Arnaldo Antunes, na voz de Ney Matogrosso, no CD “Inclassificáveis”, 2008.

Vida movimenta-se ainda na palavra grega *zoé*, que nomeia o simples ato de viver, comum a todo vivente; aquilo que os homens dividem com os animais, fato biológico, vida natural. A vida no sentido amplo, que transcende os atributos de uma vida individual. O significado de *Zoè* é vida em geral, sem caracterização ulterior. É a vida considerada sem adstrição de qualquer característica e experimentada sem limitações.

Para Zourabichvili (2004, p. 61), citando Deleuze, a vida é:

[...] uma multiplicidade de planos heterogêneos de existência, repertoriáveis segundo o tipo de avaliação que os comanda ou os anima (distribuição de valores positivos e negativos); e essa multiplicidade atravessa os indivíduos mais do que os distingue uns dos outros (ou ainda: os indivíduos só se distinguem em função do tipo de vida dominante em cada um deles).

O vitalismo assume duplo caráter, ao referir-se por um lado à postulação de um “princípio vital” como razão última do vivente, presente no pensamento das ciências naturais no século XVIII, configurando-se enquanto crença que foge a qualquer esforço verdadeiro de explicação. Por outro lado, responde ao culto da vitalidade, difundido na Europa no fim do século XIX, que gesta a vida fascista em suas práticas ao invocar os direitos superiores da vida e o gênio da raça, do povo ou do indivíduo.

Deleuze não pensa um conceito de vida em geral. Antes lhe interessa o caráter diferenciado-diferenciável, que exclui o recurso à vida como valor transcendente independente da experiência, preexistente às formas concretas e trans-individuais nas quais é inventada. Deleuze chama mais especificamente vida ou vitalidade “aquela entre essas formas em que a vida - o próprio exercício de nossas faculdades - se quer a si mesma: forma paradoxal, a bem da verdade, mais próxima do informe” (ZOURABCHIVILI, 2004, p. 61). Em *O Vocabulário de Deleuze*, Zourabchivili apresenta a concepção deste filósofo, que trabalha com a vida não-orgânica, expressão tomada de Worringer, aliada ao “corpo sem órgãos” de Artaud, e a Bergson, para quem a vida como movimento se aliena na forma material por ela suscitada.

Dizendo com Foucault: vida humana, politizada. Contrapondo com: política inscrita nos corpos de cidadãos, e não animais em cuja política está em questão a vida de seres viventes.

Toda tentativa de repensar o espaço político do Ocidente deve partir da clara consciência de que da distinção clássica entre *zoè* e *bíos*, entre

vida privada e existência política, entre homem como simples vivente, que tem seu lugar na casa, e o homem como sujeito político, que tem seu lugar na cidade, nós não sabemos mais nada (AGAMBEN, 2004, p. 192).

Vida privada e existência política poderiam se movimentar na trilogia filosofia/ arte/ciência? Ao abraçarmos as sensações, espaço de criação de outras formas possíveis de vida como força de inscrição de sentido, é possível repensar uma vida em transformação, em movimento?

Ainda com Agamben (2004, p. 194):

Se denominamos forma-de-vida este ‘ser’ que é somente a sua nua existência, essa vida que é sua forma e que permanece inseparável desta, então veremos abrir-se um campo de pesquisa que jaz além daquele definido pela intersecção de política e filosofia, ciências médico-biológicas e jurisprudência. Mas antes, será preciso verificar como, no interior das fronteiras destas disciplinas, algo como uma vida nua possa ter sido pensada, e de que modo, em seu desenvolvimento histórico, elas tenham acabado por chocar-se com um limite além do qual elas não podem prosseguir, a não ser sob o risco de uma catástrofe biopolítica sem precedentes.

Nas fronteiras entre a Filosofia, que cria conceitos, saberes, entre a Ciência que faz prospecções, e a Arte, que cria perceptos e variedades afetivas, é possível evitar uma catástrofe biopolítica sem precedentes?

SER/ESTAR VIVO

Lagartas encasuladas: devir-borboletas, metamorfose ambulante. Homem mutante: devir-barata, devir-mosca, devir-robô, tributo a Kafka, Raul Seixas, David Cronenberg, Isaac Azimov. Devir-flor... elogio a Eduardo Kac.

Populações trans: sexuais, gênicas, mutantes, que sofrem “mudança completa de forma, natureza ou de estrutura; transformação, transmutação”. Na biologia, definida como “mudança relativamente rápida e intensa de forma, estrutura e hábitos que ocorre durante o ciclo de vida de certos animais”. Metamorfose ainda significa “mudança de aparência, caráter, circunstância etc”. Em sentido figurado, designa “mudança completa de uma pessoa ou de uma coisa”¹.

Estado de mudança, para a condição mutante de pessoas e coisas, como possibilidade de perambular por alguns dos conceitos que abordam o humano na contemporaneidade, considerando suas multiplicidades.

¹ Trechos entre aspas retirados do Dicionário Houaiss para o vocábulo *Metamorfose*.

Contrapor à expressão “ser vivo”, a possibilidade de um “estar vivo”: estado de vida efêmero, fugaz, superficial, que não se pretende estável e imutável, antes se quer híbrido, mutante. Justificando, com Agamben (1993, p. 52):

Porque se os homens, em vez de procurarem ainda uma identidade própria na forma agora imprópria e insensata da individualidade, conseguissem aderir a esta impropriedade como tal e fazer do seu ser-assim não uma identidade e uma propriedade individual, mas uma singularidade sem identidade, uma singularidade comum e absolutamente exposta, se os homens pudessem não ser-assim, não terem esta ou aquela identidade biográfica particular, mas serem apenas o assim, a sua exterioridade singular e o seu rosto, então a humanidade ascenderia pela primeira vez a uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos, a uma comunicação que não conheceria já o incomunicável.

No ensaio “As dobras ou o lado de dentro do pensamento (Subjetivação)”, escrito em 1986, Deleuze parte de um impasse foucaultiano: como ultrapassar a linha que aprisiona a vida ao poder? Se o ponto de concentração de energia da vida se localiza no choque com o poder; se os centros difusos de poder se localizam no primado da resistência; se ao tomar a vida ao poder, cria-se a condição de possibilidade para uma vida que resiste ao poder; e se essas relações transversais de resistência não param de derrubar os diagramas e reestratificam em nós de poder?

Dobra deleuzeana: o poder sobre a vida - biopoder - traça linhas transversais de resistência da vida ao poder, e subverte essa relação de forças. Mas a vida, potência do lado de fora, enquanto força que resiste, escapa às armadilhas do diagrama, e não para de se transmutar. Armadilhas que se anunciam no duplo Morte/Memória. Como escapar ao vazio aterrorizante e não se deixar aprisionar pela distribuição de mortes parciais? Pelo movimento que arranca o lado de fora do vazio, que o desvia da Morte.

Pela “absoluta memória, potência de vida que concebe, com Bichat, a morte coextensiva à vida, esta que é feita de uma multiplicidade de mortes parciais e singulares. A morte se multiplica e se diferencia para dar à vida as singularidades, as verdades que acredita dever à sua resistência” (DELEUZE, 1988, p. 102).

Que forças vivas se apresentam e gestam novas sociabilidades, novas sensibilidades?

Para Foucault, referindo-se à ideia de Canguilhem: o biopoder e os processos de subjetivação revelam-se enquanto matrizes da dessubjetivação, quando este

autor apresenta outra maneira de abordar a noção de vida - por uma filosofia do erro, em oposição à filosofia do sentido, do sujeito e do vivido. Ainda com Foucault, é possível perguntar: “Será que toda a teoria do sujeito não deve ser reformulada, já que o conhecimento, mais do que se abrir à verdade do mundo, se enraíza nos ‘erros’ da vida?”. (FOUCAULT, 2005, p. 366)

O capitalismo, pela voz de Foucault, instaura técnicas de poder que controlam a multiplicidade dos homens; se as técnicas disciplinares atuam sobre os corpos, esquadrinhando espaços, controlando deslocamentos, as biopolíticas atuam sobre a espécie humana, temporalmente. Em *História da Sexualidade*, volume I, lê-se: “A vida já não é mais um substrato inacessível que acontece de tempo em tempo na aleatoriedade da morte e da sua fatalidade: parte dela passa pelo campo do conhecimento, do controle e da esfera de intervenção do poder” (FOUCAULT, 1998, p. 142).

Há que se contrapor ao conceito de biopolítica, a potência *zoè* da vida, essa vida experimentada sem limitações - é possível pensar a bioarte e a manifestação estética da vida enquanto possibilidade de escape às biopolíticas? Se o conceito de “vida nua”, derivado do filósofo italiano Giorgio Agamben, refere-se ao espaço altamente artificial que as estruturas de poder geram ao excluir da proteção jurídica as formas de vida que não se submetam à sua ordem, como controlar essa vida em estado de ilegalidade, nua e crua, que escapa pela visibilidade?

BIOARTE

Decifração do genoma, organismos transgênicos, clonagem, terapia clônica, medicina genética. Dilemas que levam um crescente número de artistas, situados nas intersecções da arte e biologia, a produzir obras em múltiplos contextos.

Se na contemporaneidade se dissolvem as dicotomias entre local e remoto, humano e não-humano, vivo e máquina, a arte transgênica se constitui enquanto uma dentre as manifestações estéticas dessa condição contemporânea. Novos indivíduos vivos, que existem por conta própria, compartilham espaços sociais conosco.

Exercer o andarilho peregrinar por diversas obras da bioarte, e escolher, dentre imagens, aquelas que brincam com a invenção de outras vidas. Pretender extrair delas potência para pensar criação e vida, tornando estes conceitos vazios de significados, talvez desejando que deles se desaprenda a plenitude dos sentidos, talvez desejando que deles se desaprenda sua virtualidade. Vida ciborgue, plugada, tudo é vida, transumana. Arte úmida, transgênica, que mexe com a vida lá onde não se enxerga a vida; na vida-micro, que depende de contato, a vida viral se

movimenta em fluxos. Isto traz outra potência para a idéia de biopolítica, ao pensar esse deslocamento de força, que antes estava no olho e que depende da criação de uma imanência: um calor...

Pensar a biopolítica em relação de contato/contágio com sentidos de vida, educação e arte. Pensar as estratégias biopolíticas em relação de contato/contágio com sentidos de vida-zoè e arte. É possível movimentar dimensões da invenção no encontro entre tecnociência e vida, em sua aproximação com o campo da estética artística?

A condição biopolítica do capitalismo globalizado e as obras da bioarte - criadas por Eduardo Kac - trazem outras possibilidades de pensar a resistência enquanto manifestação social para escapar ao controle, provocando encontros de vidas singulares na contemporaneidade. Instiga-nos a pensar movimentos, vida em movimento para quem sabe pensar uma vida qualquer, na potência da virtualidade. Provoca-nos a movimentar a vida pela pulsão da arte: a arte-vida e a política-vida pensadas como pulsos, como aquilo que se espalha, bifurca.

Exercitar andanças, perambulações, por estes conceitos, querendo pensar em subjetivações do agora, que conectam gentes e coisas, objetos-quase, habitantes do ciberespaço praticando interatividades replicantes, maquinicas.

* * *

Eduardo Kac é brasileiro de origem, carioca, nascido em 1962, e vive desde 1989 nos EUA, onde leciona e pesquisa. Um dos mais renomados artistas envolvidos na criação com novas mídias, é reconhecido internacionalmente por suas instalações interativas, que dão visibilidade a novos conceitos na arte contemporânea. Diferentemente de outros bioartistas que optam por manifestações do bizarro, entre outras, suas composições revelam uma idéia de beleza proveniente da estética clássica, que se manifesta na brancura do coelho, no vermelho dos veios da flor. O fio condutor da criação artística de Kac pode ser capturado pelo conceito da vida codificada na natureza.

Tornou-se cidadão do mundo pela projeção de suas criações, que nas últimas décadas transitam entre obras que vão da holografia à telepresença, à robótica, à bioarte e à arte transgênica - exploração de material genético para criação de vida.

Inspiradas pela ciência, sobretudo pela biologia e pela genética, estas obras despertam questões éticas, sociais e estéticas. Kac trabalha com múltiplos materiais, que abrangem diversas linguagens: é poeta, escritor, pintor, escultor, criador de seres vivos, o que amplia a divulgação dos conceitos que quer discutir.

Desde os seus primeiros experimentos, nos quais convergem o digital e o biológico, investiga as dimensões políticas e filosóficas dos processos de comunicação. Kac (2008) explicita estas intenções em uma entrevista:

Crio obras de arte que vêm do meu universo próprio, individual, subjetivo e poético. Estas obras buscam produzir uma ressonância emocional e cognitiva com espectadores e participantes. Ao mesmo tempo, levanto questões fundamentais sobre o que significa ser humano no século vinte e um em diante.

Eduardo Kac (2008) chama a atenção para uma ética dentro da estética, sem precedentes e que abre um novo campo para arte, com implicações evolucionárias reais (ou seja, por ser viva participa da evolução das espécies):

Na minha visão, o artista não cria objetos e sim sujeitos. Isso desperta uma nova dimensão ética na arte. Meu trabalho cria no presente uma nova área para a arte, ao mesmo tempo em que estimula a sociedade a questionar como irá se preparar para receber novos cidadãos que serão, eles próprios, clones e transgênicos (KAC, 2008).

* * *

Os biótopos da série “Specimen of secrecy about marvellous discoveries” (Espécime de segredo sobre descobertas maravilhosas) são ambientes criados pelo artista Eduardo Kac em um meio de cultura contido numa espécie de exoesqueleto, que também funciona como moldura. Cada biótopo é definido como um corpo, um indivíduo com sua própria identidade. Em Ecologia, um biótopo ou ecótopo (do grego *âiô* - bios = vida + *ôüðò* = lugar, ou seja, lugar onde se encontra vida) é uma região que apresenta regularidade nas condições ambientais e nas populações animais e vegetais, das quais é o habitat. Um ecossistema corresponde a um conjunto formado por dois elementos em interação constante: um ambiente de natureza físico-química, abiótico e bem delimitado no espaço e no tempo, a que se chama BIÓTOPO, e o conjunto de seres vivos, ou BIOCENESE, que habita esse biótopo. Constitui o elemento funcional de base da biosfera; mantêm-se por intermédio de um fluxo de energia e de matéria entre estas diferentes componentes em interação permanente.

Nos dizeres de Kac:

“Cada trabalho é tanto uma entidade singular, como nós, e uma comunidade de células e microorganismos, como eu e você. Assim como fazem em nosso corpo, humano, essas enormes comunidades de microorganismos do biótopo interagem entre si e, como uma unidade,

interagem com o ambiente. É um trabalho que sempre muda, pois, é literalmente vivo” (KAC, 2008).

PLANTIMAL, HOMOPLANTA, PLANTASAPIENS...

Edúnia: Eduardo com Petúnia...

Criação bioartística de nova forma de vida, invent-ação viva de um ser que não é encontrado na natureza.

Criação de sujeitos fazendo brotar a poética da contiguidade da vida entre as diferentes espécies e despertando uma dimensão ética na arte.

Um estado de vida coabitado, trans-formado, trans-codificado e trans-gênica-mente manipulado.

Uma flor criada através de engenharia genética que expressa o DNA de Kac exclusivamente em suas veias vermelhas. No site do artista encontramos a descrição desta criatura:

Ela tem veias vermelhas e pétalas cor de rosa. Um gene do artista é expresso em todas as células de suas veias vermelhas, isto é, o gene de Kac produz uma proteína somente na rede venosa da flor. O gene foi isolado e sequenciado a partir do sangue do artista. As pétalas cor de rosa, contra as quais as veias vermelhas são vistas, são evocativas do próprio tom de pele rosada de Kac. O resultado desta manipulação molecular é uma planta que cria a imagem viva de sangue humano correndo nas veias de uma flor (KAC, 2009).

Vida e(m) estado de hibridismo que nos provoca a pensar com Kac: Plantimal? Homoplanta? Plantasapiens? A flor gente/planta/bicho escapa aos aprisionamentos identitários que insistem em nomeá-la e revela sua multiplicidade, na mistura genética. Edúnia é, ao mesmo tempo em que está. Está planta em estado de gente, está gente em estado de planta, está cores em estado de gene, está *imagem viva de sangue humano correndo nas veias de uma flor*. E neste(s) estado(s) é que cria escapes ao aprisionamento das políticas bio, resistindo ao controle e ensaiando outros jeitos de estar no mundo. Busca do artista, pela dimensão da criação, por outras relações entre vidas. A arte provocando a sociedade, num convite a *se preparar para receber novos cidadãos que serão, eles próprios, clones e transgênicos*.

De 2003 a 2008, Kac desenvolve *História Natural do Enigma*, que se compõe de uma série de projetos; esta obra visitou o Brasil como parte da exposição “Eduardo Kac: Lagoglifos, Biotopos e Obras Transgênicas”, no espaço “Oi Futuro”, de janeiro a março de 2010, no Rio de Janeiro.

A flor é um novo tipo de Petúnia que Kac inventou e produziu através de biologia molecular. O gene que Kac selecionou de seu próprio genoma é responsável pela identificação de corpos estranhos. Ou seja, nesta obra, é precisamente aquilo que identifica e rejeita o outro que o artista integra no outro, criando assim uma nova espécie de ser que é parcialmente flor e parcialmente humano.

“História Natural do Enigma” é uma reflexão sobre a contiguidade da vida entre as diferentes espécies. Usa a vermelhidão do sangue e a vermelhidão das veias da planta como um marcador do nosso patrimônio comum. Na expectativa de um futuro no qual Edunias sejam acessíveis e plantadas por toda parte, Kac criou um conjunto de “Edunia Seed Packs” (Pacotes de Sementes da Edunia), que estão incluídos na exposição. Os “Edunia Seed Packs” contêm as sementes da Edunia e fazem parte da coleção permanente do Museu de Arte Weisman (KAC, 2009).

O mundo das artes problematiza e multiplica representações para o ser vivo, a máquina, o humano e o ser inanimado e abre possibilidades para pensar humanos e vidas outras, na proliferação de possibilidades como as do campo da bioarte. Para Eduardo Kac (2006, P. 253) “a bioarte é uma arte feita com um meio de criação que se envolve com a história do planeta, que é a vida”. E a vida é enquanto vida alguma coisa que não para de se transformar, dirá Deleuze com Bergson.

Bioarte, arte biológica e arte genética. Dilemas que levam um crescente número de artistas situados nas intersecções da arte e biologia, a produzir obras em múltiplos contextos. Realizações no campo da biologia contribuem para a compreensão e controle potencial do mundo orgânico, incluindo o corpo humano.

Pode-se dizer com o Deleuze de “Imanência: uma vida...”. “Vida, imanência absoluta, pura potência, de onde brota uma possibilidade: a do ser em si, simplesmente: tantum”.

Se uma obra de arte revela o universo poético do artista - traduzindo o mundo por ele criado -, na plataforma estética da arte transgênica encontra-se a criação de outras formas de vida, artificiais, que não existem na natureza. Eduardo Kac se apropria de instrumental genético para criar, fazer pulsar, a partir da arte, outras possibilidades de contato que promovem encontros híbridos entre os seres.

Vida na biologia: organismo, vida organizada - ambientes de micro vida, biótopos, que interagem com gente - vida em estado de arte, vida reagente, mutante, não sujeito, borbulhas de vida - telas, quadros - comunidade fugaz, instantânea, que não se aprisiona, incorpórea, é organismo que se desorganiza; transformação de vida biológica em arte.

Kac pensa e nos faz pensar sua obra, criação de vida, em todas as suas dimensões: discursiva, afetiva, perceptiva, interativa, dando ênfase ao que há

de novo na obra, porque é aí que se encontra o domínio da invenção e da imaginação. Com ele, é possível trabalhar com a idéia de arte como pulsão de criação e de força/potência, e considerar as obras de arte em sua relação com a tecnociência, elegendo as dimensões da obra que são filosóficas e culturais: estética relacional. Nos dizeres de Kac (2004a, p. 35),

Invenção e modificação da vida pelo artista, para fazer a obra de arte. Ética performativa: experiência ética colocada pelo artista como elemento primário da plataforma estética; quando a obra desempenha uma ação ética deliberada, a ação ética e a ação estética estão integradas já no nascedouro da obra, não a posteriori.

Seleção e mutação apresentadas como importantes forças evolucionárias. Kac coloca a comunidade científica, artística e a sociedade em geral frente ao dilema ético em evidência na contemporaneidade: o homem-deus que enfrenta, desafia, surpreende e domina a vida: evolução transgênica... Trabalha com a proposta de um sujeito-arte, em oposição à idéia de objeto na arte, enfatizando aspectos não tão visíveis da obra: A arte transgênica é um modo de inscrição genética que está ao mesmo tempo dentro e fora do campo operacional da biologia molecular, negociando o terreno entre ciência e cultura.

Viver agora é também captar indícios da existência de outro humano, o que leva ao reconhecimento de outra biologia que configura o humano, que se mostra na relação do controle e da resistência que as obras de arte transgênica oferecem. Para ele, a questão da genética não é pura e simplesmente problema científico, mas está diretamente ligada aos aspectos políticos e econômicos. Precisamente por esta razão, o medo desenvolvido pelo abuso real e potencial desta tecnologia deve ser canalizado produtivamente pela sociedade. Em vez de abraçar uma cega rejeição da tecnologia, o que já é indubitavelmente parte das novas bio-políticas, cidadãos de sociedades abertas deveriam, segundo Kac, fazer um esforço para estudar as múltiplas visões do assunto, aprender sobre a herança histórica em torno dessa discussão, entender o vocabulário e o principal significado dos esforços das pesquisas. Deste debate resultaria o desenvolvimento de visões alternativas baseadas em idéias autônomas, o que levaria a um esforço para gerar entendimento mútuo. Embora isso pareça uma tarefa desanimadora, conseqüências drásticas podem resultar da publicidade enganosa, de antagonismos ou manifestações de indiferença pela sociedade. Kac considera que é neste aspecto que a arte pode ser também de grande valor social. Desde o lugar em que a dominação da arte é simbólica, até quando ela intervém diretamente num contexto dado, a arte pode:

[...] contribuir para revelar implicações culturais de revoluções e oferecer diferentes caminhos de pensar sobre e com a biotecnologia. A arte transgênica pode ajudar a ciência a reconhecer o papel de questões relacionais e comunicacionais no desenvolvimento de organismos. Pode ajudar a cultura desmascarando a crença popular de que o DNA é a “molécula-mestra”, através de uma ênfase no organismo como um todo e o ambiente (o contexto). E finalmente, a arte transgênica pode contribuir no campo da estética por abrir uma nova dimensão simbólica e objetiva da arte como criadora literal da vida e responsável pela vida criada (KAC, 2002, p. 46).

Eduardo Kac cria interfaces da biologia com a tecnologia e a filosofia, na expressão de obras de arte transgênicas:

Eduardo Kac irá, então, mergulhar no campo da biologia e da genética – onde pode evidenciar mais claramente esta dissolução da fronteira entre os organismos reais e virtuais – e criar o que irá chamar de Arte Transgênica. O artista parte dos pressupostos de que a pele já deixou de ser a barreira imutável que contém e define o corpo no espaço, tornando-se um lugar de constante transmutação (vide as inúmeras possibilidades das cirurgias plásticas cada vez mais acessíveis); e de que, mais do que tornar visível o invisível, a arte deve possibilitar a consciência do que permanece para além do visual, mas que de fato nos afeta diretamente. A Arte Transgênica que propõe irá possibilitar uma relação dialógica entre o artista, a criatura/obra de arte, e aqueles que irão manter contato com ela (LEVY, 2010, p. 69).

Retornamos às perguntas-sensações que acompanham este ensaio: se na contemporaneidade nos tornamos outros, híbridos e mutantes - descendentes de tantos mundos quantos os que pudermos criar, por que estes corpos plugados ainda insistem em manter conexões de outrora, em instituições que nos colocam frente às relações dualistas, paradoxais? Aproximações estéticas permitem trazer a arte transgênica para pensar uma nova noção de vida ou buscar por outras relações com a vida, de-subjetivada? Que outros encontros podem acontecer entre o humano e o inanimado?

Transitar pelas obras de Kac abre possibilidades de pensar a vida, na dimensão da invenção, ainda que este conceito surja fortemente acoplado à noção de sujeito, no campo das representações. Gera um começo, ponto de partida para levantar questões a respeito da vida na contemporaneidade. Porém, ao tentar aproximar suas criações das discussões e conceitos filosóficos contemporâneos, o que emergiu foi ainda a organicidade, a corporeidade...

Dizendo com Pélbart:

“O bios é redefinido intensivamente, no interior de um caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico. Aquém da divisão corpo/mente, individual/coletivo, humano/inumano, a vida ao mesmo tempo se pulveriza e se hibridiza, se moleculariza e se totaliza” (PELBART, 2003, p. 26).

Kac pensa a criação na vida, da vida, na arte, da arte. Traz possibilidades de pensar em outros territórios que não os da ciência, dando visibilidade a outro percurso para questões éticas e estéticas. Pela bioarte, provoca, questiona a transformação de vidas.

Seleção e mutação apresentadas como importantes forças evolucionárias. Kac coloca a comunidade científica, artística e a sociedade em geral frente ao dilema ético em evidência na contemporaneidade: o homem-deus que enfrenta, desafia, surpreende e domina a vida: evolução transgênica... Trabalha com a proposta de um sujeito-arte, em oposição à ideia de objeto na arte, enfatizando aspectos não tão visíveis da obra: “A arte transgênica é um modo de inscrição genética que está ao mesmo tempo dentro e fora do campo operacional da biologia molecular, negociando o terreno entre ciência e cultura” (KAC, 2004).

Uma arte que traz a possibilidade de fissura, de sentidos em escape e de virtualidade para pensar vida, ciência e biotecnologia... Seria a bioarte uma manifestação da criação de vida da multidão? Arte singular, que se manifesta no comum produzindo uma vida. Vida e arte em constante movimento, deslocando-se entre os conceitos que lhe são atribuídos e tantos outros cruzamentos, em misturas pulsantes, híbridas, contínuas, gerando singularidades. A potência de vida na arte em conexão com a aposta de vida singular no pensamento filosófico deleuzeano: vida não-orgânica, incorpórea, inorgânica. Ideia de vida que não se efetua, que está sempre em escape. Menos ser, mais devir; transformação, nômade, vida pra além do encontro dos corpos, vida que é pensamento, pensamento que é indizível.

Kac cria e faz pensar a criação de vida, em todas as suas dimensões: discursiva, afetiva, perceptiva, interativa. Sua ênfase está no que há de novo na obra, porque é aí que se encontra o domínio da invenção e da imaginação. Com ele, é possível trabalhar com a ideia de arte como pulsão de criação e de força/potência, e considerar as obras de arte em sua relação com a tecnociência, elegendo as dimensões da obra que são filosóficas e culturais: estética relacional. Nos dizeres de Kac em entrevista para a revista online *Interact*, realizada por ocasião dos Encontros de Arte e Comunicação (Junho de 2005):

Invenção e modificação da vida pelo artista, para fazer a obra de arte. Ética performativa: experiência ética colocada pelo artista como elemento primário da plataforma estética; quando a obra desempenha uma ação ética deliberada, a ação ética e a ação estética estão integradas já no nascedouro da obra, não a posteriori (KAC, 2007).

Em algumas de suas obras ele desestabiliza a ideia do controle ao criar seres culturais; como em *Lance 36*, por ele assim definida:

Uma partida para jogadores fantasmas, uma afirmação filosófica revelada por uma planta, um processo escultural que explora a poética da vida real e da evolução. Essa instalação dá procedimento à minha contínua intervenção nos limites entre o ser vivo (animais humanos e não humanos) e o não vivo (máquinas, redes). Colocando em xeque noções tradicionais, a obra revela a natureza como uma arena para a produção de conflitos ideológicos, e as ciências físicas como um *locus* para a criação de ficções científicas (KAC, 2004b).

Desestabilização, des-controle do natural; arte como força de inscrição de sentidos outros, vida como descontrole, como nomadismo, transformação, e novo.

Buscar por uma vida que se desfaça do que a aprisiona, que se invente em modos e formas de ser e se descubra pura imanência, potências. Uma vida: determinabilidade transcendental da imanência como vida singular, sua natureza absolutamente virtual e o seu definir-se somente através dessa virtualidade.

Vida como imediateza absoluta, vitalismo: pura contemplação sem conhecimento, potência sem ação. Uma vida que não consista somente no seu confronto com a morte e uma imanência que não volte a produzir transcendência. “A vida beata jaz agora sobre o mesmo terreno em que se move o corpo biopolítico do ocidente” (AGAMBEN, 1993, p. 173).

O pensamento a respeito da vida criada escapando...

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença, 1993.

_____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. Imanência: uma vida... **Educação e realidade**, Porto Alegre, RS, v. 27, n. 2, p. 10-7, jul/dez 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 1

_____. A vida: a experiência e a ciência. In: _____. **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização e seleção dos textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. v. II

KAC, Eduardo. **Luz & letra**. Ensaios de arte, literatura e comunicação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004a.

_____. LANCE 36 [MOVE 36]. Tradução Carlos Machado. Originalmente publicada em Oroboro, Curitiba, n. 1, p. 34-37, 2004b. Disponível em: <<http://www.ekac.org/move36.portuguese.html>> Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. Entrevista concedida a Eduardo Kac por Marta Borges, 2004. Disponível em: <http://www.artes.ucp.pt/artes_digitais/index.php/entrevistas/21-entrevista-a-eduardo-kac#_ftn1> Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. A arte transgênica. (Entrevista concedida a Dolores Galindo). **História, ciências, saúde** - Manguinhos, v. 13 (suplemento), p. 247-56, out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/14.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. Entrevista concedida a Antonio Fernando Cascais. **Interact**, Revista online de arte, cultura e tecnologia, CECL - Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens Universidade Nova de Lisboa, n. 14, julho de 2007. Disponível em: <http://www.interact.com.pt/memory/14/html/interact14_sub_40_pt.html> Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. Natural History of the Enigma. **Exposição**. Weisman Art Museum, Minneapolis, 2009. Disponível em: <<http://www.ekac.org/nat.hist.enig.html>> Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. GFP Bunny: a coelhinha transgênica. Tradução Irene Machado. (Originalmente publicado em Dobrila, Peter T.; Kostic, Aleksandra (eds.), Eduardo Kac: Telepresence, Biotelematics, and Transgenic Art Maribor, Slovenia: Kibla, 2000, p. 101-131). **Galáxia**: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura, São Paulo, n. 3, p. 35-58, 2002. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1265/768>> Acesso em: 25 ago. 2011.

KAC, Eduardo; RONELL, Avital. **Life extreme: an illustrated guide to new life**. Paris: Disvoir, 2007.

LEVY, José Alberto. A Bioarte. **International Journal of Biosafety and Biosecurity**, Rio de Janeiro: Universidade Federal de Rio Grande - FURG - IJBB, v. 1, n. 1, p. 60-72, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/intbiosafetybiosecurity/article/viewFile/7325/pdf_3> Acesso em: 25 ago. 2011.

PELBART, Peter Paul. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.